



24
FEVEREIRO
1923

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE
N.º 888

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA
Número avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

DENTIFRICOS
DOS RR PP

BÉNÉDICTINS
DE SOULAC

ELIXIR PÓ

SABÃO
EM CAIXAS DE ALUMINIUM

PASTA
EM CAIXA E EM BISHAGA

PASTA-SABÃO
EM CAIXA E EM BISHAGA

REELLEMENT FRANÇAIS

PASTA ou PASTA-SABÃO

SABÃO
CAIXA ALUMINIUM

A' venda em todas as farmacias e casas de perfumaria.
Representante e depositario para Portugal:
A. VINCENT, Rua Ivens, 56. 2.º, Lisboa—Tel. Cent. 1858

Em tres mezes todos podem ser Guarda-livros

DE qualquer casa comercial por mais importante que seja. Habilitação completa e garantida a centenas de alunos nossos exercem esse logar com toda a competencia nas mais importantes casas. Carta de Guarda-Livros, concluida a habilitação. Matrícula permanente. Internato e externato. A 1.ª escola de commercio do Paiz. *Escola Commercial Pereira de Sousa—Sede* Palacete da Rua Breyner, 45—Porto. *Filial de Lisboa*—Avenida Almirante Reis, 136. *Filial do Rio de Janeiro*—Rua Senador Eusebio, 400.

CASA KUBI

Telefone Central 3251

Iluminação, higiene
e aquecimento

120—R. DOS RETROZEI OS—122

LISBOA

Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restaurant PORTUGAL rendez-vous da colonia portuguesa 167, Rua Montmortre, ao lado dos grandes boulevards. Proprietario: Barbosa-Araujo Cosinha e pastelaria portuguesa. Os melhores vinhos de PORTUGAL. Pessoal portuguez onde se come melhor e mais economicamente.

Escola Commercial Pereira de Sousa

PORTO — LISBOA
RIO DE JANEIRO

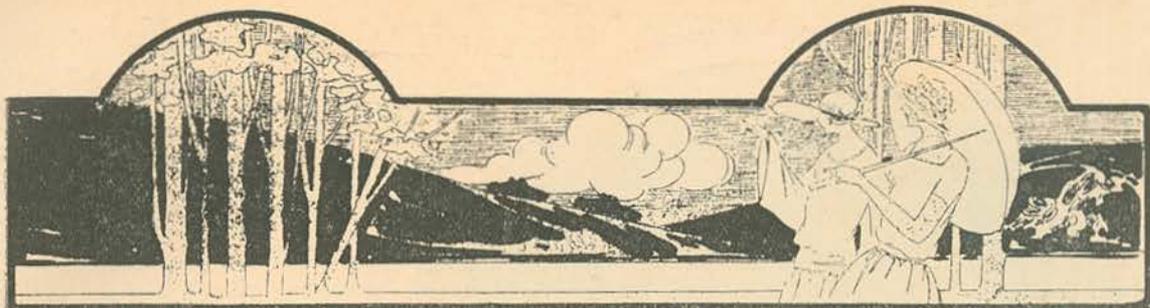
Instituto de Altos Estudos commerciaes. A 1.ª Escola de Comercio do Paiz. Internato e Externato. Tanto na Sede da Escola, no Porto, como nas nossas Filiaes de Lisboa e Rio de Janeiro, admitem-se alunos internos e externos em qualquer época do ano. 40 cursos Rapidos, em 3, 6 e 10 mezes. Cursos longos, em 2, 3 e 4 anos. Aulas diurnas, Aulas nocturnas. Enviem-se os Estatutos da Escola quem os pedir.

única Escola de Comercio do Paiz que garante a habilitação completa em tres mezes para Guarda-Livros.

Sede da escola—Palacete da Rua Breyner, 65. Porto, Filial de Lisboa—Avenida Almirante Reis, 136. Filial do Rio de Janeiro—Rua Senador Eusebio, 400.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
oficinas da «ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA»
Rua do Século, 43—LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

NO campo das Laranjeiras jogaram, no passado domingo, 18, em primeiras categorias, o Internacional contra Belenenses, e o Benfica contra Sporting.

O desafio entre os dois primeiros grupos não despertou grande interesse por terem faltado bons elementos nas duas linhas adversárias, especialmente na do Internacional, onde não jogaram Carlos Guimarães, Boaventura da Silva e Honorio Costa. O resultado do desafio foi a vitória do Belenense por 5 bolas a 1, havendo a notar o trabalho da defesa do Internacional, que por vezes muito sobressaia. A arbitragem, que não foi feita por Rebelo da Silva, como estava anunciado, não agradeu.

No segundo desafio, em que se encontraram o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Club de Portugal, jogouse superiormente, havendo fazes de bom *foot-ball*. Os dois grupos portaram-se á altura dos seus meritos, chegando depois de uma magnifica demonstração de *association* ao empate por 0 bolas, que póde dizer-se foi uma verdadeira victoria para cada um dos *clubs*. Ainda nos referimos aos melhores homens em campo, que foram Jorge Vieira, que trabalhou extraordinariamente, Stromp, Ferreira, Filipe, Jaime Gonçalves e João Francisco, do Sporting; Francisco Vieira, que teve esplendidas defesas, Alberto Augusto, que jogou com grande acerto, Herculano e Victor Hugo do Benfica. No começo da primeira parte o arbitro, sr. Rosmaninho, expulso do campo Jaime Gonsalves, por violencias, mas, este jogador tomou parte no segundo tempo do desafio, em virtude de Victor Gonçalves, capitão dos *vermelhos*, ter instado com o arbitro pela anulação do castigo. Louvamos a attitude essencialmente desportiva de Victor Gonçalves.

—No passado dia 17, foi jogado, no Campo do Stadium, mais um *match* de *rugby* em que foram adversarios o grupo do Carcavelos Club e o *team* mixto com-

posto por elementos do Sporting Internacional e Royal. Os jogadores alinharam pela seguinte maneira:

Carcavelos Club: Defesa Ward; tres quartos Claxton, Drake, Barrett e Hexter; medios Taylor (cap.) e Cornes; avançado, Gates, Oldfield, Taps-cott, Nooke, Holmes, Murda, Benze e Hunter.

Team Mixto — Defesa Leote; tres quartos Gentil dos Santos, Manuel José, Freitas e Salazar Carreira; medios Correia Leal e Rebelo da Silva; avançados Antonio Soares, Fortunato Levy, Salazar Diniz, Silva e Gomes, Aragão Andrade e Sabbo.

Na segunda parte entraram Ballechack e Xavier de Araujo, que foi substituir Rebelo da Silva.

O resultado do desafio foi a victoria do Grupo Inglez por 5 ensalos e 1 *goal* a 0. Não quer isto dizer que o grupo portuguez não trabalhasse com acerto; muito pelo contrario. O que ainda lhe falta é ligação e sobretudo o muito treino, que devido á... sua pouca idade, de maneira alguma podia já ter adquirido.

—Damo hoje uma fotografia do magnifico campo atletico do F. S. C., na cidade da Horta, por onde se pode avallar o esforço daquela agremiação desportiva, que conseguiu obter um esplendido campo de *foot-ball* com 105 metros por 60, pista para corridas, bancadas para os espectadores e uma optima instalação para os *sports* en *associados*.

—O resultado da eleição dos novos corpos gerentes, do Hockey Club de Portugal, foi:

Direcção—Presidente, Alberto Afonso; Vice-presidente, Bernardo Lemos; 1.º secretario, Dias Costa; 2.º secretario, Angelo Ferreira; Tesoureiro, Severino Nogueira Freire; Vogaes tecnicos, Rogerio Futcher, Fernando Pereira, Costa e Almeida, Ferreira de Matos e Silva. *Conselho fiscal*: Benjamim Pires, Ribeiro da Cunha, Dias de Sousa. *Assemblea geral*: Mendes do Passo, Dr. Almeida Rocha, Jorge Evaristo, Ribeiro da Cunha. D. C.



O campo do foot-ball da cidade da Horta



Menus da semana

Domingo		Quarta-feira	
Almoço Alcachofras com molho de manteiga Pã de carneiro com salpicão e rabanetes fritos Café com leite	Almoço Atum cozido com batatas Carneiro assado com grãos cozidos Café com leite		
Jantar Sopa de grãos Chape de porco Grelhado com salada de chicória Pudim de pão	Jantar Sopa de nabos Peito de vitela com ervilhas Frango assado com batatas Pudim de leite		
Segunda-feira		Quinta-feira	
Almoço Carneiro à provençal Arroz branco de salpicão Café com leite	Almoço Bacalhau albardado com arroz Omelete à jardineira Jantar		
Jantar Purê de abóbora Pastéis de camarão Pombo com ervilhas Pudim de chocolate	Jantar Sopa de pão Pastas de bacalhau Carne seca assada com batatas e couve-flor Pudim de ameixas		
Terça-feira		Sexta-feira	
Almoço Lingado frito com purê de batata Costeletas à jardineira Café com leite	Almoço Bife à inglesa com batatas cozidas Nabos com molho branco Café com leite		
Jantar Sopa de cenouras Empadão de carne Lingua de frango Sericada com couveflor Pudim de lindo	Jantar Sopa de arroz Pastéis de peixe Coelho à jardineira Creme de abadssas		
Sabado			
Almoço Filletes de pescada com purê de batata Costeletas de porco fritas e grãos cozidos Café com leite	Jantar Caldo verde Macarrão à italiana com azeitonas Pescada frita Arroz de ce		

CALENDARIO DA SEMANA

Fevereiro—28 dias

- 25 — Domingo — S. Gertrudes.
- 26 — Segunda-feira — S. Alexandre.
- 27 — Terça-feira — S. Leandro.
- 28 — Quarta-feira — S. Romão.

Março—31 dias

- 1 — Quinta-feira — S. Rosendo.
- 2 — Sexta-feira — S. Simplicio.
- 3 — Sabado — S. Martinho.

CONHECIMENTO DOS LEGUMES E DOS FRUCTOS

DESIGNAM-SE geralmente sob o nome de legumes todas as espécies de plantas comestíveis, no estado de verdura, de tubérculos, de raízes, ou de vagens, assim como certos fructos. Sob as denominações de fructos, compreendem-se os bagos, sementes ou grãos comestíveis, isto é, todos os productos vegetaes bons para comer crus ou proprios para fazer azeite, aromas e especiarias.

Portanto, encarando os legumes e os fructos comestíveis sob o triplice ponto de vista da sua natureza, do seu emprego na cozinha e das suas propriedades alimenticias, refrigerantes ou estimulantes, classificam-se em:

1.°—Legumes farinientos, os mais azotados e nutritivos; taes como as favas, os feijões, as lentilhas, as ervilhas e os chicharos.

2.°—Os legu es ou tuberculos feculentos, pouco azotados e nutritivos; taes como as batatas.

3.°—As raízes ou legumes aquosos, menos feculentos, pouco azotados e pouco nutritivos, taes como: a beterraba, as cenouras, os nabos, as cebolas e os rabanetes.

4.°—As plantas ou legumes tuberculos, pouco azotados e pouco nutritivos, taes como: o alpo, as alcachofras, os espargos, as acelgas, os cardos, as couves, a chicória, os espinafres, a alface, azedas, beirãoes, cogumelos, etc.

5.°—As plantas ou legumes aromaticos, empregados unicamente como tempero, taes como: o alho, a salsa, a hortelã, o pimpinell, o açafrão, o tomilho, os coentros, o absinto, o cerefolio, etc.

A classificação dos fructos é a seguinte:

1.°—Fructos farinientos e panificáveis—os mais azotados e nutritivos são: aveia, centeio, trigo, cevada e milho. Os meno azotados, são: as castanhas e as bolotas.

2.°—Os fructos leguminosos e aquosos, pouco azotados e pouco nutritivos: a beringela, a abóbora, pepino, o melão, a melancia e a alcachofra.

3.°—Os fructos acidos e assucarados, empregados como alimentos refrigerantes, crus ou cozidos:—o damasco, ananaz, cereja, morango, romã, amora, laranja, pectego, maçã, pêra, ameixa, uva, etc.

4.°—Os fructos assucarados não acidos utilizados como

alimento, ou para xaropes e outras bebidas não fermentadas: tamaras, figos e maçãs.

5.°—Os fructos acres utilizados como condimentos, ou para doces e bebidas não fermentadas: alcaparras, marmelos, sorvas, mostarda, abrunhos, etc.

6.°—Os fructos acidos e aromaticos empregados como condimento, mas frouxamente estimulantes: o limão, a cidra, o tomate, etc.

7.°—Os fructos aromaticos, empregados como especiarias ou aromas muito estimulantes: aniz, coentro, cominho, funcho, gengibre, pimenta, etc.

8.°—Os fructos doces e oleosos utilizados como sobremesa, ou para azeites, tanto comestíveis, como somente para iluminação: amendoa, avellã, noz, azellona, pinhão, etc.

Todos os fructos aquosos, taes como as beringelas, os pepinos, as aboboras e os alhos, são pouco nutritivos e exigem sempre cocção e junção de temper s com especiarias. São comido refrigerantes e salubres, comidos com sobriedade.

A abóbora, farinhaeta, tem um sabor adocicado que é muito agradável e appetitoso; faz excellentes purés para optima sopa ou creme.

O melão, só em consequença das propriedades que encerra, come-se com agrado, ou pode-se-lhe juntar sal, pimenta e até as vezes assucar.

PARA LIMPAR UTENSILIOS DE MÊNAGE EM P ATA OU EM QUALQUER OUTRO METAL

Quando estão enegrecidos pelos acidos, limpam-se convenientemente, escovando-os com uma escova macia molhada na seguinte fórmula:

Carbonato de sodio.....	40 gramas
Vinagre.....	10 "
Agua.....	1 litro

Passam-se depois de uns minutos em agua simples e deixa-se secar novamente. Dá-se lustro em seguida com um pedaço de camurça.

A FRIVOLIDADE AP OVEITADA

As bonecas, hoje muito em voga, tem uma maneira de ser utilizadas no enbelezamento do nosso lar, mascarando o telefone sobre a mesa de trabalho, uma caixa de pó e arroz na mesa de stoffetes ou em abafador de bule sobre a mesa do chá.

COM QUE SE TRAM AS NODOAS

As de tinta de escrever com succo de uvas ou folhas de azedas. As de tinta de oleo com aguarras. As de café com soda.



as de fruta, em roupa branca, queimando enxofre por baixo, as de estearina com um trapo embebido em alcool.

Saber e sentir: eis no que se resume a educação.

Mais Stael.

Os raios que disparam os Invólucros, contra os grandes, só servem para os iluminar melhor.

Henri Heine.





Silva Poética

REFLEXO

O azul do mar é tinta reflectida
Que o azul que Deus lançou na imensidade...
Tambem o amôr, unico ceu da vida,
É um reflexo da nossa mocidade!

A DESVENTURA

A desventura é um cancro: tem raizes
Que nos prendem e queimam, como fogo...
Se uma se corta ali, renasce logo...
Não se curam as almas infelizes!

DOIS CORAÇÕES

QUANDO OS NOSSOS olhares se cruzaram,
Naquela tarde, fugidamente,
As nossas almas nem sequer sonharam
Que os nossos olhos, sorrateiramente,
Tinham tecido a rêde em que ficaram
Presos dois corações, perpetuamente!

MISTERIO

TANTO misterio o espirito contém,
Que até eu, sem que o possas presumir,
Afasto-me de ti, para te ouvir,
E fecho os olhos, para vêr-te bem!

(Do livro *Crepusculos*, no prélo)

D. ALBERTO BRAMÃO.

Concurso das Mascaras Misteriosas

O SEU ENCERRAMENTO

Apezar de ter subido a algumas centenas o numero das pessoas que enviaram soluções a este nosso concurso, a verdade é que nenhum dos concorrentes conseguiu satisfazer a qualquer das condições que, rigorosamente, lhes dariam direito aos premios. Por outras palavras: não houve quem desvendasse TODAS AS PERSONALIDADES ocultas sob as mascarar ou caracterisações que publicámos, o que era a hipótese para o 1.º premio, nem sequer quem indicasse os nomes de TODAS AS PERSONALIDADES FEMININAS (hipótese para o 2.º premio) ou de TODAS AS PERSONALIDADES MASCULINAS (hipótese para o 3.º premio).

Partindo do principio de que, se assim succedeu, não foi por falta de perspicacia dos nossos leitores-concorrentes, mas por ser maior que a previramos a dificuldade do proprio concurso e não sendo justo, assim, que os premios anunciados deixassem de ser distribuídos, resolvemos alterar as condições do concurso, nos seguintes termos que se nos oferecem o mais equitativo possível: attribuir o 1.º premio a quem MAIOR NUMERO DE SOLUÇÕES COMPLETAS apresentou; o 2.º premio, a quem MAIOR NUMERO DE SOLUÇÕES FEMININAS apresentou; o 3.º premio, a quem MAIOR NUMERO DE SOLUÇÕES MASCULINAS apresentou.

Nestes termos cremos que ninguém terá razão de se queixar, antes tel-a-hão, todos, de prestar justiça á isenção com que procedemos.

Ora, nas condições referidas, os premiados veem a ser:

- 1.º PREMIO—*D. Fernanda Nunes da Silva*, de Cintra, com 5 decifrações completas
- 2.º PREMIO—*D. Ana Luiza da Cruz Costa*, de Grandola, com 8 decifrações femininas
- 3.º PREMIO—*Ligia*, do Funchal (sem mais indicação de endereço) com 6 decifrações masculinas

Os concorrentes premiados poderão, portanto, reclamar, na redacção da *Ilustração Portuguesa*, os premios a que tem direito, a saber:

- 1.º PREMIO—Um magnifico TAPETE DE ARRAIOLOS, oferecido gentilmente, para este concurso, pela firma Rosado & Pinto
- 2.º PREMIO—DOZE VOLUMES, á escolha do premiado, d'entre os publicados, até esta data, pela Secção Editorial de «O Seculo»
- 3.º PREMIO—DOZE VOLUMES, á escolha do premiado, d'entre os publicados, até esta data, pela Secção Editorial de «O Seculo»

A entrega dos premios far-se-ha, como explicámos, perante a apresentação de recibo cuja assinatura condiga com as dos boletins das respostas e, pois que se trata de premiados de fóra de Lisboa, com a abonação do nosso correspondente, na localidade, autenticada com o respectivo carimbo.

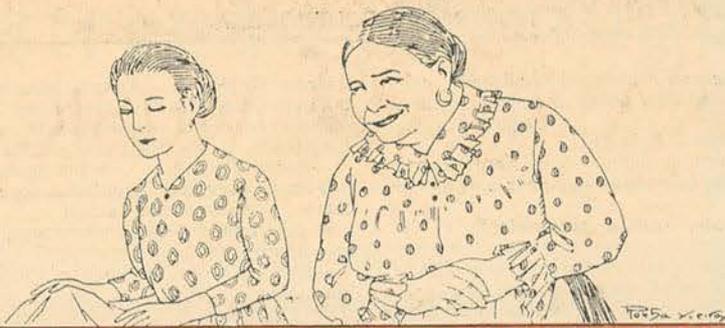
Damos, em seguida, a nota dos retratos publicados, com a indicação dos numeros da *Ilustração* em que o foram, para que cada concorrente possa, pessoalmente, exercer a fiscalisação a que tem direito, pelo menos com relação ás respostas que nos enviou—e, com a publicação desta lista e os nossos agradecimentos aos leitores que em tão grande numero e tão gentilmente concorreram para o assinalado exito do CONCURSO DAS MASCARAS MISTERIOSAS, consideramos o encerrado.

Nota dos retratos publicados

- N.º 874 — Actriz Maria Matos e dr. Brito Camacho
 N.º 875 — Actriz Laura Costa e dr. Afonso Costa
 N.º 876 — Actriz Palmira Bastos e sr. Urbano Rodrigues
 N.º 877 — Actriz Raquel Barros e dr. Alvaro de Castro
 N.º 878 — Actriz Laura Cruz e sr. Antonio Maria da Silva
 N.º 879 — Actriz Auzenda d'Oliveira e sr. Norton de Matos
 N.º 880 — Actriz Angela Pinto e dr. Teixeira Gomes
 N.º 881 — Actriz Berta Bivar e sr. Azevedo Coutinho
 N.º 882 — Actriz Lucilla Peres e sr. João Chagas
 N.º 883 — Actriz Albertina d'Oliveira e dr. Eusebio Leão

Brevemente um novo Concurso, de particular interesse, sobretudo, para as nossas leitoras.





A BODA DA LINDINHA!!!...

(CRONICA DA ALDEIA)

A senhora Aninhas da Laranjeira, alentada matrona, senhora e mandadora duma das casas ricas da freguezia, revia-se na Lindinha, a filha mais nova, uma «moça de estalo», a palma daquelas redondezas — os olhos da sua cara.

Tinha mais dois filhos, mas só aquela lhe tirava o sono, porque os outros... estavam como quem diz arumados — a Rosinha, nunca casaria e o Agostinho era homem e p'ra mais de lume no olho, estava sempre garantido — costumava dizer a senhora Aninhas. Que ela não queria desfazer na mais velha, não queria dizer que não fôsse... sim... mas lá como a Lindinha nunca fôra, isso não; saíra ao pae, que era homem de poucas aquelas...

Se não fôsse ela, como estaria a casa da Ana da Laranjeira!... E a Lindinha era o seu retrato vivo, muito desembaraçada, tudo se lhe dava nas mãos. Aquela — não era por ser sua filha — enchia o olho ao mais pinto.

A mais velha nascera oito anos antes dos dois mais novos e, como tinha um genio muito morno, a mãe sempre lhe chamou ensossa. Era talvez por isso que a punha de parte, comparando-a com a irmã, cuja mocidade alvorecia ainda, arrebitada e presumida.

Para esta, sonhava com pompas de princesas em palacios de ouro e carros de marfim puxados a borboletas, como nos contos das fadas; para aquela... contentava-se em metê-la nos trabalhos pesados da casa e a rapariga, humilde, na sua rotina, só para a missa do domingo mudava a roupa embasculhada da cosinha.

Que a senhora Aninhas, de portas a dentro, não queria saber de nada. Campo, campo — dizia ela — fôra a sua criação e lá diz o ditado: galinha de campo não quer caçoiera.

Estava sempre a pé ao dar o sol por todo o mundo, tomava pachorrotamente um cafésinho no meio de ordens a propositos de tudo, fazia a mesma recomendação uma duzia de vezes, fechava uma porta, abria uma janela, ia dar uma volta ao jardim — que a senhora Aninhas tinha grande gosto por flôres —, gastava duas horas pelos caminhos a comentar os ultimos acontecimentos e quando caíam, na torre da igreja, as 12 pancadas do meio dia, chegava ao campo cheia de pressa, a desabafar trabalhos.

Ao voltar, o marido, o senhor João Valente, um santo homem que ficava em casa a tomar conta dos porcos e das galinhas, afeiçoado do coração á sua cara metade, acudia logo consolador:

— Valha-te Deus, Aninhas. Não te mates tanto, que has de morrer numa hora de pouca saude, mulher.

E dizia para os trabalhadores:

— Sempre foi assim a minha Aninhas. E' um burro de trabalho.

Quantos invejariam a sorte do senhor João Valente! Não tinha preocupações nem canceiras, os trabalhos faziam-se sem ele dar por isso — quem tudo mandava e comandava ali, era a mulher, enquanto ele vivia feliz, na tranquilidade dum marido sem ralações.

Um dia a senhora Aninhas começou a andar muito

triste e pensativa: Não me sae do sentido aquele rapaz. Estragaram-m'o com alguma bebida, não ha que vê — murmurava entre si e rematava abanando a cabeça:

— Que isto de mulheres agora... hum... Se no meu tempo se viu o que hoje se vê...

Com efeito, o Agostinho andava fôra de si ha um tempo. Fugia dos campos, não comia, olhos postos no chão, só fazia dar ais.

Era um rapaz de 22 anos, muito parecido com as irmãs, nem altas, nem baixas, nem bonitas, nem feias — tres tipos vulgares e curtos de intelligencia. Tinha ideais avançados e dizia mal de quem o não tinha mandado seguir carreira... a ele, que andára na escola até lhe nascer o buço, para fazer exame de 1.º grau.

Quando falava, franzia a boca como a pedir beijos e desengonçava-se todo, a estudar apresentação. Havia de casar rico e com menina de estimação — a Emilinha da Quinta, por exemplo, que era morgada e tinha modos afidalgados... Deu de lhe fazer as voltas mas ela... não era para cavanchões, bem podia arranjar um de cartola...

Foi de morrer! caiu no pobre rapaz aquele desgosto de fazer scismar a mãe e assaltou-o a ideia redentora de abandonar a terra.

— Arre... Cavanchão!!! E ele que nunca tivera geito para a enchada. Andava no campo á força. Ia virar-lhe as costas! Punha-se a andar por essas terras abaixo, que o mundo fez-se p'ros homens e só voltaria pessoa de posição. Estava assente neste proposito o Agostinho, quando a mãe sabe, que «aquele mal» não era nada de bebidas ruins, era má olhada, que o deixara de beíça caída.

Foi-se ao filho, abanou-o tres vezes e fez-lhe uma pregação, que lhe podia lembrar por toda a vida.

Que vergonha!!! Que vergonha!!!

Mas o Agostinho não virou, estava naquela de ser pessoa de posição e dias depois, sem dizer nada á ninguém, abalou para Lisboa e foi para creado de hotel...

Quando a senhora Aninhas viu ir o seu filho no carro do correio, atou as mãos á cabeça e cahiu desfalecida. Foi um mortorio naquela casa.

— Ai maroto! maroto! — ainda tu vaes que não voltes, tisco morras — praguejou uma semana a oito.

Estava muito contente, arranjara um emprego, muito particular...

A senhora Aninhas pensou consigo: O rapaz ainda pode ser um dos grandes da terra... E atirou o desgosto para traz das costas.

Tambem, ela já não tinha tempo de pensar no filho com um negocio de arromba, — um casamento! — que havia calculado.

Se tal casamento vê, nunca mais é velha na sua vida...

A senhora Aninhas tinha um sobrinho, que fôra ha muitos anos por esses Brasis tentar fortuna e voltára agora, em carro fretado, grande charuto na boca, grosso grilhão com medalhas a luzir sobre o colete e os dedos encanados de aneis. Foi um acontecimento na aldeia.

Por todos os lados se travou comentaio acalorado, calculando em quantos milhões devia montar a fortuna do brasileiro.

—Tem rios de dinheiro—dizia um.

—Ai isso tem—concordava outro—ainda hontem ouvi dizer na loja do Damião que vinha milionario.

Outro observava:

—Tambem me parece, aquela apresentação é de muita bagalhoça.

A senhora Aninhas levantou as mãos ao ceu e olhando a filha mais nova de revez, dizia:

—Ai rapariga! rapariga! que ainda te hei-de ver por essa estrada de *artomobile*, pópó, pópó, pópó!

A Lindinha não tinha paixão pelo primo. Já tivera mais dum quartirão de namorados, todos uns cravos, e casar agora com um velho... Fazia-lhe, porém, frente, porque ia ser uma senhora de chapéu e passear a Paris de França.

Mas o tempo ia passando sem nada de novo e a mãe, ardente de impaciencia, murmurava:

—Que diabo... nem ata nem desata...

Entretanto o brasileiro andava astuciando:

—Aquele é a que me serve. Bom dote, genio calado... Nada mais é preciso!

E não. Ele, fazendo as despesas da boda, ainda tinha para comprar uns bezerrros e depois... ficava á espera que lhe mandassem do Brasil os seus dinheiros... Toca a andar, portanto, enquanto há um lustinho!—Quarenta anos é meio caminho andado e o dinheiro é como vento — concluiu por fim e apresentou-se á tia a pedir a mão da prima Rosinha.

—Rosinha!!! Rosinha!!! Rosinha!!!—fez espantada a senhora Aninhas. Eu... julguei... sim... E' porque... a Lindinha... era... uma bonita parelha... —gaguejava ao assentar o contrato, como custando-lhe a acreditar no que ouvia.

Emquanto a tia se benzia a passear na casa dum lado para o outro, e o sr. João Valente pestanejava com lagrimas de emoção, o noivo sahia dizendo com os seus botões:

—A Lindinha! A Lindinha! No que ela pensa sei eu... Estes ouros dão na vista, dão, o peor...

é serem fingidos... Aquela pronostica!!! se cáio em tal, nem o dinheiro dos bezerrros me ficava do casamento.

Em face deste acontecimento, a Lindinha deu uma gargalhada seca e disse com modos sacudidos:

—Então p'ra mim... só um doutor...

E nesta certeza, enguliu a concorrência da irmã como... um osso mau de roer.

A mãe quando voltou a si daquele choque apontou o ceu, dizendo:

—Está de riba. A boda e a mortalha do ceu se tálha!...

Ora anda, que a filha da Ana da Laranjeira, *estralalhe* uma castanha na boca!...

—O homem afoga-se em pouca agua! Parece que nunca viu mulheres!!

—Aquilo foi feitiçaria! A mãe não sae da mulher das cartas.

Foi entre estes comentarios de inveja que passou o «dia grande» da Rosinha e do primo brasileiro.

Casamento de estrondo. A senhora Aninhas gostava das coisas assim—que dessem na vista. Estralejaram foguetes, repicou o sino, convidaram-se os tios, os primos, os segundos primos, os terceiros primos, os primos dos primos e todos os amigos em geral.

Veio o Agostinho, de Lisboa, servir de padrinho e quando a mãe o viu vestido com a casaca de servir á mesa, caiu-lhe nos braços soluçando:

—Que politico!!! Que politico!!!

Pelos caminhos corria gente para ver passar a comitiva, entre a qual a senhora Aninhas endoidecia de entusiasmo, pensando no que seria comparado com aquela, o estadão da filha mais nova.

—A boda da Lindinha!!!... ai o que ha-de ser!!! o que ha-de ser!!!

Essa, mais arrebitada do que nunca, bamboleando-se toda e fazendo girar a sombrinha vermelha entre os dedos, pensava no sobrinho da senhor Reitor, o Carlinhos, que andava em Coimbra e havia de ser um letrado de espantar a sciencia...

M. F.



Secção Editorial de O SECULO

Enciclopedia Popular Ilustrada
"PORQUE COMO E PARA QUE"

Estão publicados 8 fasciculos, a saber:

- O MILAGREIRO DE NANCY
- MARAVILHAS DO INFINITO
- ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
- GRAVIDEZ E MATERNIDADE
- A NOBRE ARTE
- COMO SE FALA COM OS MORTOS
- A FISICA EM 26 LIÇÕES
- BOAS MANEIRAS

No prelo:

OS SEGREDOS DA ATMOSFERA, — AVICULTURA,
FOOT-BALL, ETC., ETC.

Cada facisculo ilustrado, 50 centavos.

COLEÇÃO DE ROMANÇOS ILUSTRADOS

Estão publicados 4 romances a saber:

- O ARCO DE SANT'ANA, do Visconde de Almeida Garrett.
- CARMEN, de Prosper Merimée.
- CADEIA DE CRIMES, de Guy Thorne.
- O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA, de Edmond About.

No prelo:

QUO VADIS? — CATOLICOS E HUGONOTES
—OS ULTIMOS DIAS DE POMPEIA

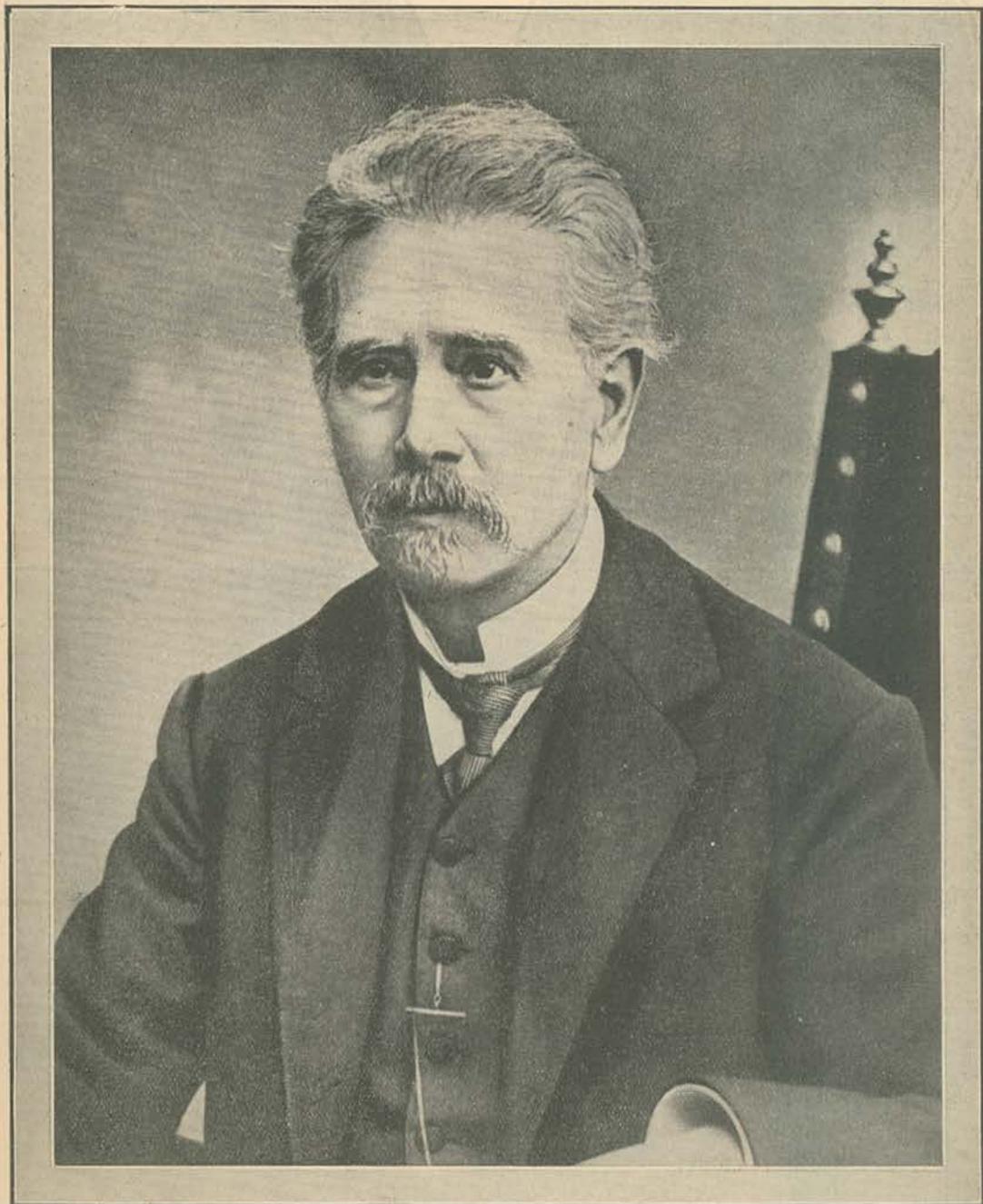
Cada roman cecompleto, 1 escudo.

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

24 — FEVEREIRO — 1923

N.º 888



DR. TEOFILLO BRAGA

Completando, hoje, 80 anos de idade, a Municipalidade Lisboense resolveu realizar, em sua honra, uma sessão solenne a que assistirão representantes das Camaras Municipaes, juntas de freguezias, autoridades, etc., e na qual lhe será entregue o titulo de cidadão de Lisboa

UM CASAMENTO DE AMOR



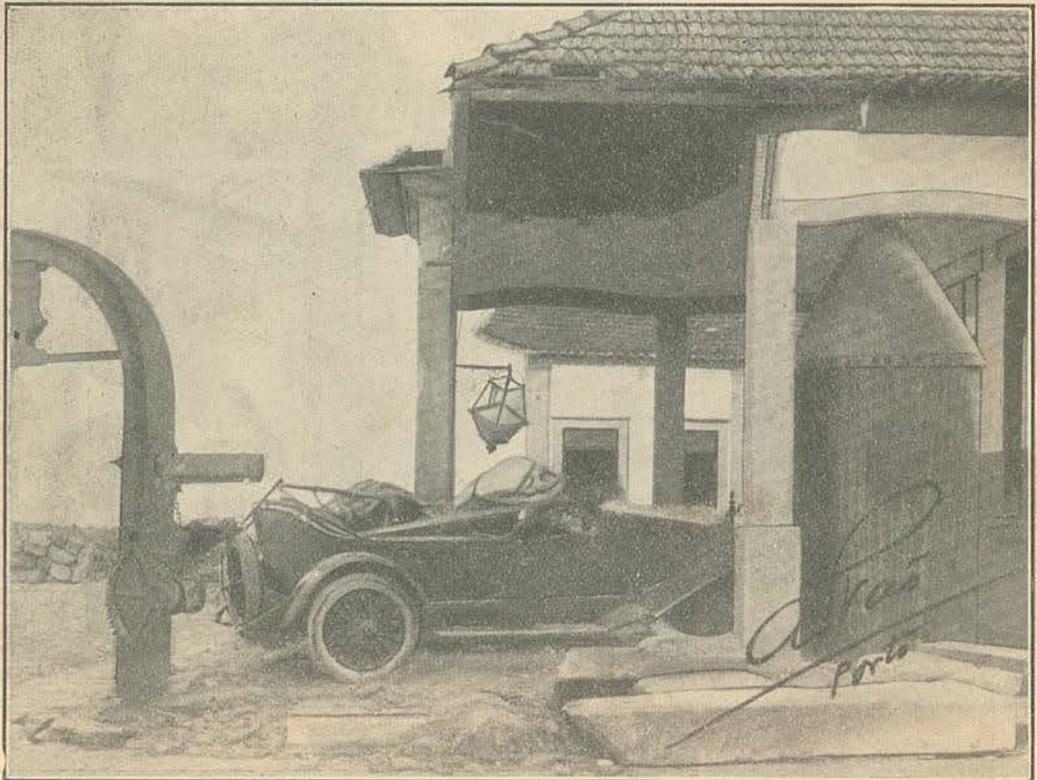
Conde Calvi di Bergolo



Princesa Yolanda, de Italia

A princesa Yolanda, já oficialmente declarada noiva do conde Calvi di Bergolo, é a filha mais velha dos soberanos italianos. Formosíssima, o seu enlace oferece a circunstancia, não frequente entre os descendentes de reis, de ser um enlace de amor. O noivo, o capitão de cavalaria, conde Calvi di Bergolo, pertence a uma antiga e illustre familia do Piemonte, e distinguiu-se pelos seus actos de valor, na grande guerra, onde foi ferido e condecorado.

O desastre da estrada de circumvalação do Porto



Na tarde do dia 11, conforme *O Seculo* noticiou, deu-se, na estrada de circumvalação do Porto, um aliás ligeiro choque de automoveis, do qual resultou, porém, um dos carros ir de encontro ao Posto Fiscal da Azenha, com tal violencia, que projectou a grande distancia uma guarita de ferro e fez desabar uma das colunas de pedra que sustentava o alpendre da casa da guarda, conforme melhor se vê do clichê Alvão, que devemos á gentileza d'este nosso illustre colaborador fotografico. Do desastre resultou, como se sabe, a morte de um dos passageiros do carro e ficarem feridos mais dois e um transeunte.

A Exposição de Aquarelas de Alberto de Sousa



1—Rua Direita (Tomar)

2—Rua do Poço (Viana do Castelo)

3—O castelo, visto do rio Nabão (Tomar)

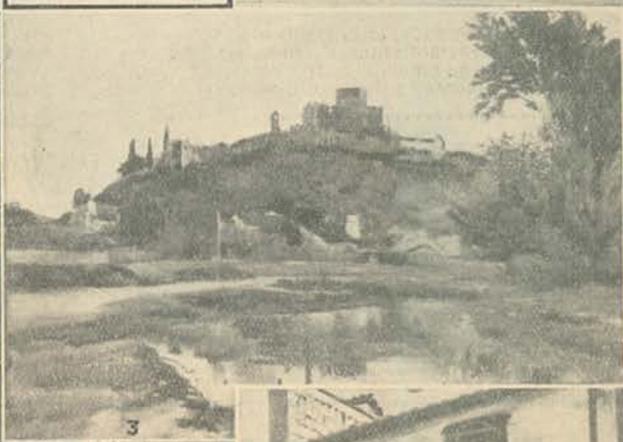
4—Margens do Mondego (Coimbra)



1

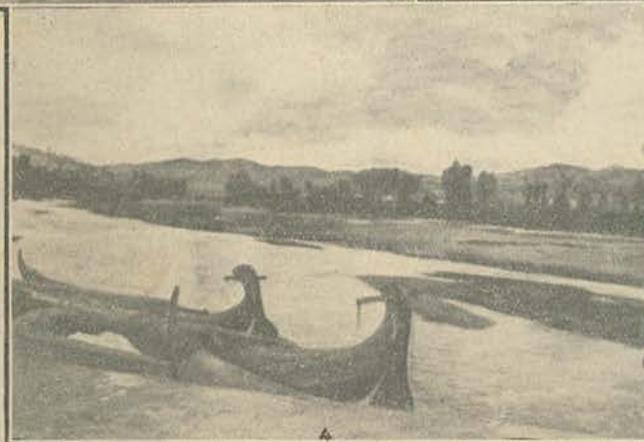


2



3

5—Hospital Velho (Viana do Castelo)



4



5

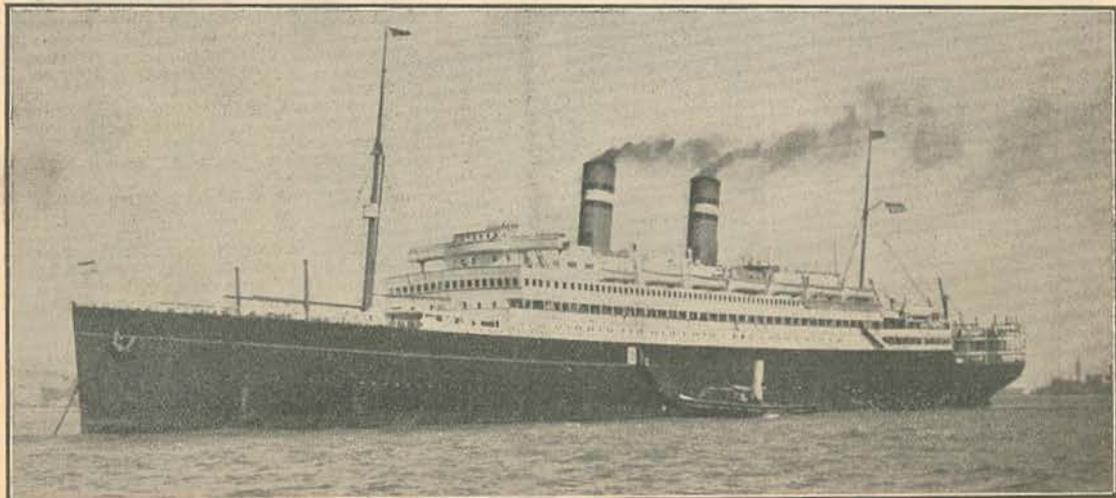
Inaugurada, no dia 15, no Museu do Carmo, a 6.ª exposição de aquarelas de Alberto de Sousa constitui um novo sucesso para o brilhante artista que, de ano para ano, mais afirma as suas faculdades de comentador por excelência, amoroso e proficiente, de quanto o país possui de mais belo na sua arqueologia, no seu pitoresco e na sua psicologia popular. Como de costume, logo no primeiro dia ficaram vendidos quasi todos os quadros, o que, ainda como elogio da exposição, constitui uma circumstancia digna de especial registo. —(Clichés Salgado)

O magno problema das nossas estradas



A fim de tratarem do importante problema das estradas, que se encontram pouco menos que intransitáveis, em todo o país, reuniram, no dia 19, nos Paços do Concelho, os representantes de varios municípios do país e a Comissão executiva do Congresso Municipalista, além doutras entidades interessadas. As nossas gravuras representam uma parte da assistência, que foi numerosa, e a mesa que presidiu aos trabalhos, constituída pelos srs.: dr. Afonso de Melo, ao centro, tendo á direita o sr. Antonio Rodrigues Direito e, á esquerda, o sr. José Franco Ferreira de Matos

EXCURSIONISTAS AMERICANOS NO TEJO



O vapor Rotterdam, o maior que, até hoje, tem ancorado no nosso porto, e que, conduzindo 494 excursionistas americanos, entrou no Tejo, no dia 20, levantando fôrro em 21. Apesar do tempo tempestuoso, quasi todos os referidos excursionistas desembarcaram, tendo visitado a cidade, Cintra, Cascais, etc. (Clichés-Salgado)

À GRATIDÃO DOS NEGROS

OU

O premio de uma cura «misteriosa»



Do nosso antigo e illustre colaborador sr. dr. Antonio Barradas, actualmente em Lourenço Marques, reobemos a interessante fotografia que acima reproduzimos, acompanhada da sua historia, não menos curiosa, a saber:

Ha cerca de dois anos que nesta terra venho fazendo uma laboriosa clinica, vendo dia a dia, nesta cidade de muitas e desvairadas gentes, brancos portugueses, ingleses, franceses, holandeses, boers, mestiços portugueses, mauricianos, etc., pardos indians, amarelos chineses e pretos indigenas.

E não é a clinica destes ultimos que me tem trazido mais desgostos. Apesar de se attribuir ao preto a impossibilidade de conceber o sentimento da gratidão — o que até certo ponto é verdadeiro — tenho notado naqueles que já deixaram de se tratar com os adivinhadores e recorrem aos serviços clinicos, um certo reconhecimento pelos cuidados que se prodigalizam e até uma pontualidade, na satisfação dos honorarios, que nem em todos os brancos se encontra.

Ha dias fui chamado para a Malanga (a 2 ou 3 km. de Lourenço Marques) para ver uma *cociana* (velha). Diagnostiquei uma pneumonia e quiz averiguar a idade da paciente.

Declarou-me que quando o Muzila (o pai do Gunguhana) fazia a guerra grande andava ela a dar de mamar á filha.

Fiquei flucidado... A pneumonia foi brava. Sobreveio a adinamia, o desfalecimento cardiaco, o colapso, e durante dois dias a pobre velha scillou numa corda bamba entre a vida e a morte. Os parentes e visinhos reuniam-se em ar compungido no quarto da pobre *cociana* em ar de quem se despede e dirigindo-me significativos acenos de cabeça, como quem declara: «Daqui não ha nada a esperar, não lhe parece, o Doutor bran-

co?» e a pobre doente, indifferente a tudo, ia mergulhando na apatia que precede os transeos finais.

Fosse por virtude do oleo canforado ou da cafeína ou daquela *vis medicatrix naturae*, que nós, médicos, nunca nos devemos esquecer de ajudar, o certo é que ha dias a veneranda ancã de carapinha já a encanecer lembouse de começar a dar mostras de melhora, os visinhos e parentes começaram a espaçar as visitas, a filha começou a conceber mais esperanças, e...

...e hoje, dia de ano novo, quando fui fazer a minha visita matutina á doente, eis que ela me recebe com esta frase prazenteira e grata:

— *Canimambo, mulungo dotôro!* (obrigada, doutor branco). *Canimambo, canimambo!*

Estranhei aquella expansão e fiz ar interrogativo. A velha explicou:

— «Cheguei a ano novo!»

Depois apontou á filha um grupo fotografico que guardava como reliquia, fê-lo trazer até junto de nós, e entregou-mo, explicando em lingua de landim, que a filha traduzia, que «era o retrato do casamento do filho, e por isso mo oferecia».

Dizia-me ha tempos um dos funcionarios daqui, mais altamente colocados, que tudo que tenha ar misterioso faz muita impressão no preto e por isso ele, funcionario, flava tanto ou mais da accão civilizadora do *chauffeur* na sua almofada que da do missionario junto do altar.

Pareceu-me tambem que esta cura, que aos olhos ingenuos daquela gente teve seu quê de sobrenatural, tem sido a explicação do maior numero de chamadas que ha dias tenho tido para a Malanga e redondezas.

E quanto ao grupo pareceu-me que não devia deixar de o oferecer á *Illustração Portuguesa* onde tanto acolhimento costumam ter sempre os grupos dos casamentos *chics*.

Ha Muitos Anos...

Os tumultos socialistas de Londres, em 1886



O meeting do dia 8 de Fevereiro, em Trafalgar Square



A colisão, após o meeting do dia 20, em Picadilly

(Gravuras de A Ilustração, de 5 e 20 de Março de 1886.)

No dia 8 de Fevereiro, após um grande meeting realizado em Trafalgar Square, onde os oradores socialistas pregaram a revolta e o odio ao capital, alguns milhares de indivíduos percorreram as ruas de Londres, saqueando casas e estabelecimentos e roubando os transeuntes, perante a inercia da policia que, apanhada de surpresa, viu-se impotente para conter os disculos. Animados pela impunidade, os mesmos socialistas tentaram repetir taes lamentaveis scenas, convocando novo comicio, no dia 20, no Hyde Park, mas quando saiam dessa reunião, na mesma disposição aggressiva de antes, carregou sobre eies a força publica, dando-se uma verdadeira batalha nas alturas de Piccadilly, em que houve imensos feridos e parece que, mes. o, algumas mortes

O Casal Chaby



A proxima "tournée" ao Brasil da companhia dirigida por Chaby Pinheiro

CHABY PINHEIRO recebeu-nos no teatro Avenida, num dos intervalos do ensaio, sentado de costas para o proscênio, com a luz forte duma gambiarra a iluminar-lhe o rosto, esse rosto ferino dos «Negocios são negocios», bonacheir o da «Bisbilhoteira», sagaz do «Medico   força» e do Z  Maria do «Conde Barão». Expuzemos a que iamos: os leitores da «Ilustração», interessadissimos por tudo quanto diz respeito à vida artistica do illustre actor, pediam informações sobre a proxima «tournée» Cremilda-Chaby ao Brasil.

Em poucas palavras, poz-nos Chaby ao facto dos planos estabelecidos, afirmando-nos que a companhia partir  no dia 20 do proximo mez, com os mesmos elementos com que trabalhou esta temporada; dirigindo-se para a capital brasileira, seguir , depois, para S. Paulo e, em seguida, para Santos. Conta demorar-se cinco mezes, devendo estrear-se, em Outubro deste ano, no Porto, onde se demorará até ao Carnaval. Virá, depois, para um dos teatros da capital, que ainda não está designado, mas talvez

seja o proprio Avenida. Quanto a peças, além das do antigo repertorio da companhia e das desta ultima época, algumas das quais, como «Cama, meza e roupa lavada», obtiveram grande exito, ainda leva: «Ser ou não ser», original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; «Segunda noite de nupcias», traduzida por José Paulo da Camara; «O marido de minha mulher», adaptação de Mario Duarte, duma peça húngara; e em «reprise» «O grande magico» e «Abade Constantino».

Falamos ainda, com o inteligente artista, sobre as suas ideias de futuro, e recordamos passados boatos, que, como se sabe, chegaram a tomar proporções de verdadeira noticia, da sua saída do Teatro.

Chaby protestou; nunca pensara deixar o Teatro; apenas, sim, abandonar a actividade das companhias. Estivera, durante onze anos, no belo convivio intelectual do saudoso Visconde S. Luiz de Braga e sa ndo, depois, do teatro S. Luiz, veio mais tarde a verificar, que com nenhuma das empresas então exis-



*Um aspect do gabinete de trabalho de Chaby
Outro aspecto do mesmo gabinete*

Chaby Pinheiro

Jesuina de Chaby

A sala d'estar de Jesuina de Chaby

*A casa de jantar dos artistas
O seu quarto de cama*

lentes se conseguia entender como com aquele empresário: divergências de orientação. Assim, pensou Chaby Pinheiro limitar-se ao seu trabalho pessoal, não aceitando o encargo de direcções artisticas.

Mais tarde, porém, entrou em negociações com José Loureiro, organizando a actual companhia, de que são principais figuras femininas Cremilda d'Oliveira e Jesuina de Chaby, esposa do grande artista, companhia que tem vivido sob o regimen de «tournée», mantendo sempre as mais cordeais relações com aquele

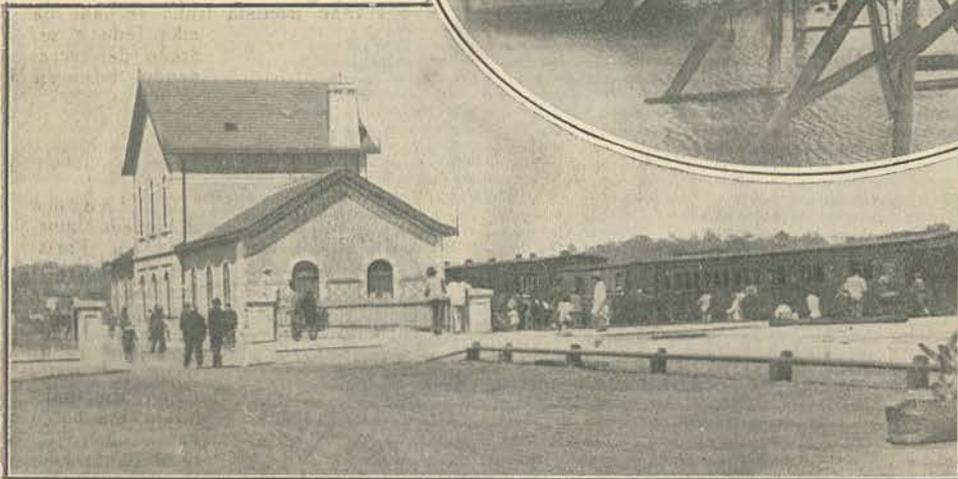
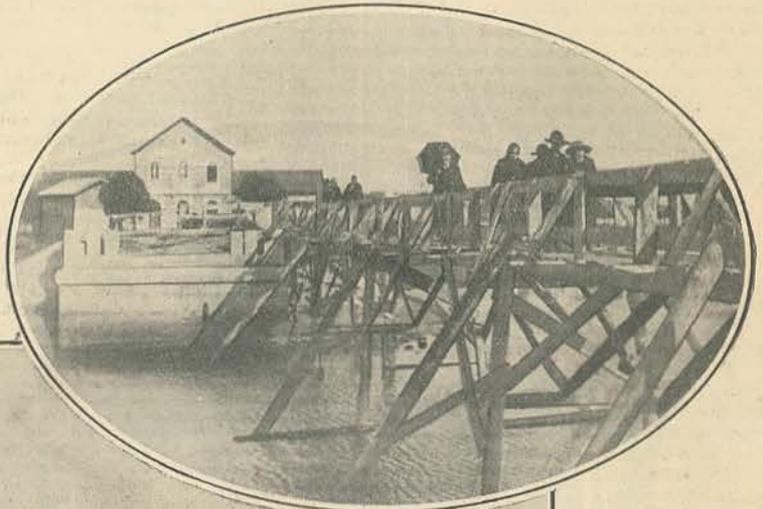
empresario. Chaby falou-nos ainda, com entusiasmo e carinho, dessa companhia, da maneira como aquele núcleo de artistas tem trabalhado e dos bons resultados obtidos.

Pouco depois despedimo-nos do belo «disseur», gloria da scena portugueza, trazendo nos ouvidos o timbre forte e cadenciado daquela voz que, impressionante, nos arrebatara, sufocando-nos, sequiosos e aniquilados, na descrição da sede que sofreram os portugueses em «Alcacer-Kibir»...

D. C.

Coisas da nossa terra...

UMA MAGNIFICA ESTAÇÃO
DE CAMINHO DE FERRO
SERVIDA
POR UMA PONTE PROVISORIA
DE MADEIRA TOSCA



Na oval: A ponte que serve a estação de Lagos, vendo-se, á esquerda, o encontro de alvenaria da nova ponte, cujo taboleiro nunca chega!

A' esquerda: O belo edificio da referida estação

Possue, Lagos, a melhor estação da linha ferrea do Sul — uma estação quasi luxuosa — e, comtudo, a dar-lhe acesso, continúa em serviço uma velha ponte de madeira tósca, construida quando do tempo da construção do ramal, evidentemente a titulo provisório, mas a que a nossa inercia e desmazelo deu foros de

definitiva. Torna ainda mais imperdoavel esse desleixo a circumstancia de já existirem montados os encontros de alvenaria da nova ponte, — e isto ha uma boa meia duzia de anos!

Para que mais comentarios? O contraste que ressalta das duas gravuras que publicamos, fala por si!...

Guilherme



d'Azevedo

FOI um santareno ilustre, mas de quem se não fala já e a nova geração quasi desconhece!

Na galeria brilhante dos homens de letras do meu paiz, ele ocupa um lugar primordial.

Folheei, ha dias, as paginas do velho *Antonio Maria*, essa obra essencialmente artistica e eminentemente pitoresca do genial caricaturista que foi Bordalo Pinheiro e vi, ao lado dos finos ironistas que faziam o texto do jornal — Ramalho Ortigão e João Chagas — o nome de Guilherme d'Azevedo. Ainda em Santarem existem pessoas que o conheceram e privaram com ele na maior intimidade e dizem-nos das subtilidades e cintilações do seu excelente espirito.

Guilherme Felicio d'Azevedo Chaves era de familia humilde, tendo nascido na antiga freguezia de S. Julião, num predio que fica na rua dos Marécós (ao Pereira) ahi pelo ano de 1840. Seu pae foi um obscuro barqueiro de Alfange, conhecido pelo «João das Calças». Estudou no liceu o nosso Chaves, como era conhecido entre a rapaziada, sendo, depois de preparado com habilitações literarias, um humilde escriptorio de fazenda. Foi em Santarem, nesta linda terra, que o seu espirito, inspirado na doce paisagem dos nossos verjeis floridos, manifestou o pendôr natural do seu talento para a poesia onde, como disse Guerra Junqueiro, se destacou com originalidade entre os mais altos poetas do seu tempo.

Escreveu tres volumes de versos: *Aparições*, *Radições da Noite* e *Alma Nova*.

São tres livros que pouca gente conhece, equerevelam as fases porque passou o espirito do poeta durante o periodo decorrido de 1867 a 1873.

O seu ultimo volume foi a *Alma Nova* escrito

«na fragancia dos trevos e das flores selvagens»

que nos dá a impressão de uma obra profunda e seria, de uma arte conscienciosa, de uma beleza sadia.

Estudo para uma zincografia, cujo original, inédito, existente no museu Bordalo Pinheiro, nos foi gentilmente cedido pelo nosso amigo sr. Cruz Magalhães

Lisboa, para se entregar inteiramente ás letras e ali, ora em rubricas contundentes e anotações aos casos da vida politica do seu tempo, ora em cronicas lesta e monocordicas, deu a sua apreciavel colaboração na *Lanterna Magica*, no *Ocidente*, no *Diario da Manhã* e no *Antonio Maria*. Foi o verdadeiro artista da pena. O proprio Camilo, o critico temivel do *Cancioneiro Alegre*, que então castigava todos os novos, chamava-lhe «poeta moderno e um dos mais bizarros prosadores». A sua obra de cronista é feita de uma alegria sã, cantilante de espirito e vivacidade. Não ha semblante por mais sisudo que não se desenruga ao lér as paginas rutilantes do *Antonio Maria*. E' que o grande ironista tinha fechado na

mão todo o segredo de, escrevendo, fazer rir os outros.

Guilherme d'Azevedo morreu em Paris, em 9 de Abril de 1882, e os despojos do grande poeta lá ficaram no cemiterio de *Saint Ouen*. Em Santarem, seu berço natal, não existe dele um busto em marmore ou bronze. E' uma figura a extinguir-se da memoria dos seus conterraneos!

Santarem, 14 Janeiro.



O quarto de Guilherme d'Azevedo em Paris e o enterro de Guilherme d'Azevedo

(Desenho de Rafael Bordalo, para O Ocidente)

José OSORIO

"Estrelas" e "Azes" do Cinema



Miss Shirley Mason, a formosa estrela da Fox-Film, na película Merely Mary Ann.



Um dos últimos retratos do conhecido actor americano William Duncan.

VAMOS dar hoje aos nossos leitores, em poucas linhas, a biografia duma das mais interessantes actrizes de Além-Atlântico: Mary Miles Minter. A formosa estrela da *Paramount* nasceu na pequena vila de Shreveport, em Luisiana (America do Norte), no dia 1 de abril de 1902. Tinha apenas cinco anos de idade quando representou pela primeira vez. Carlota Shelby, mãe de Mary, era uma actriz de mérito e educou a filha num ambiente puramente artistico e assim, durante a sua infancia, interpretou, Mary, papeis em diversos dramas e comédias, chegando a alcançar popularidade no drama *The littlest rebel*, pela ingénua graça com que o representou. Foi por esta ocasião que mudou o seu verdadeiro nome de Julieta Shelby para o de Mary Miles Minter. Mary é o nome duma prima a quem a insinuante interprete cinematografica estimava muito, sendo os apelidos Miles e Minter de parentes de sua familia.

Foi em meados de 1915 que Mary, pela primeira vez, tomou parte na interpretação duma pellicula, que se intitulava *The Fairy and the waif da Frohman Amusement corporation*. Depois tomou parte em varios films da *Metro* donde passou para o *Realart*, com um vantajoso contracto. A fita *Ann of green gables* foi a primeira que a artista desempenhou naquela empresa.

Depois seguiram-se, entre outras, as pelliculas: *Judy of Rognes Harbor*, *Nurse Marjorie*, *All Souls Eve*, *The little clown*, *Don't call me little gire*, *The Heart Specialist* e *South of Suda*. Ha aproximadamente um ano que Mary Miles Minter foi transferida do *Realart* para a *Paramount*, tendo obtido grande exito com as suas duas creações *The trail of the Somesone Pine* e *the cowboy and the lady*.

Mary tem o cabelo loiro e ondedado, os olhos azues e grandes, e só tem mau gênio quando lhe chamam *balxinha*, porque o seu maior desgosto é não ser alta.

A grande actriz italiana Francesca Bertini, numa das suas mais recentes creações. (A. J. on)



FIGURAS & FACTOS



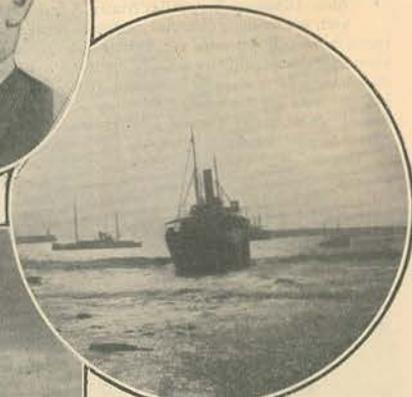
Dr. Batista Ramires

Os dois ilustres homens de sciencia e letras socios da Academia, em sessao de 16 da corrente

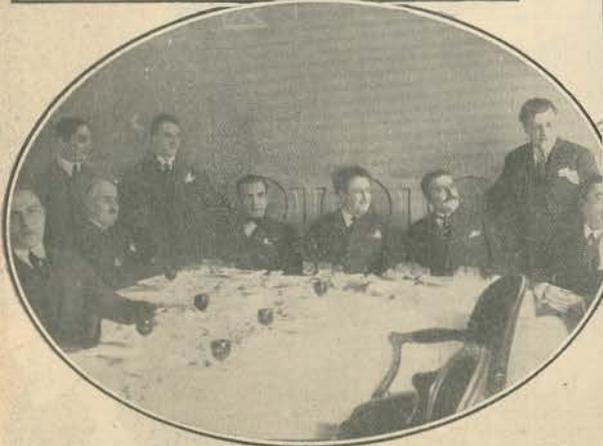


Dr. Carlos Franca

Os temporales no norte do palz



O vapor *Figueira*, na posição em que ficou após o temporal que o fez naufragar em Letxões
A' esquerda: Varias embarcações e o lugre *Maria Clara* encalhados junto da moine sul do mesmo porto.—(Clichés R. Valente)



Um aspecto da assistência ao almoo oferecido ao actor brasileiro, Leopoldo Froes, no dia 18 da corrente, na Café Tavares, por iniciativa da revista *De Teatro* (Cliché Salgado)



O menino João Salvador Marques filho do sr. dr. Salvador Marques, vestido à moda do México, por ocasião do ultimo carnaval



Dr. Julio da Silva Junior
Sub-delegado da Procuradoria da Republica e vice-presidente da Juventude Catolica, falecido no dia 19



José dos Santos Barboza
De-ano do industriaes vidreiros portuguezes, falecido no dia 11, na Marinha Grande



D. Branca de Gonta Colaço

A illustre poetisa que inaugurou no dia 15, no salão nobre do Teatro Nacional, com uma interessante conferencia intitulada *Nós outras, poetisas*, a série de conferencias destinadas a manutenção, na Memória, da bibliographia luso-brasileira

O joven escultor sr. Luiz Svieiro, trabalhando na sua estatua a Primavera, destinada ao jardim da propriedade do sr. José Nobre



A professora de piano, do Funchal, sr.^a D. Palmira Lymelino Pereira (ao centro) e o grupo dos seus alumnos que tomaram parte no brillante concerto realisado, em 17 de dezembro ultimo, naquella cidade

O estrangeiro em fóco



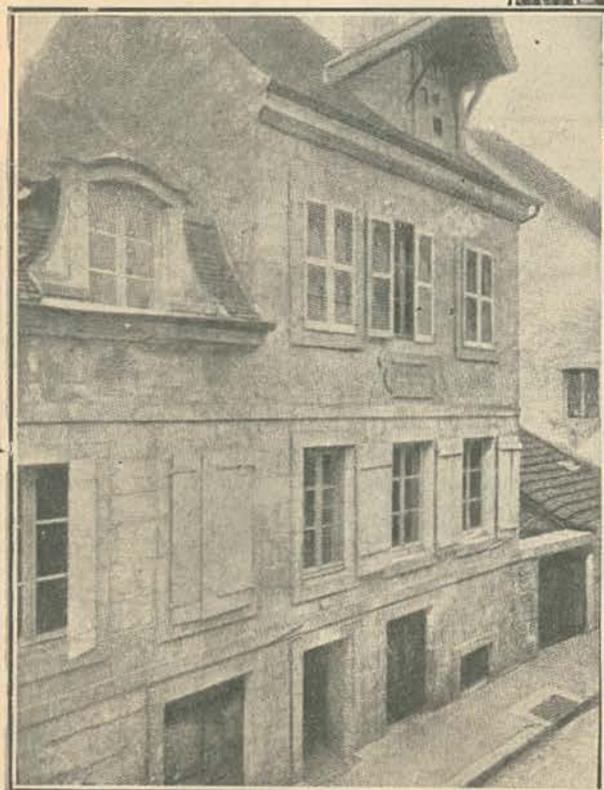
Ernesto Renan

O celebre esilista francez, cujo centenário a França comemorará no próximo dia 27



Concurso de Lulus da Pomerania

Realizou-se, no dia 23, em Nova York, um concurso de Lulus da Pomerania, a que concorreram 110 lindos exemplares, tendo sido conferido o 2.º premio ao *Cockney Kiddy*, pertencente à menlha Odette Infante Capela, filha do sr. Teodorico Capela, nossa compatriota. A gravura representa o exemplar premiado e a sua interessante possuidora



A casa onde nasceu Pasteur, em Dôle

E que o millonario americano Rockefeller propoz, ao gov. rno francez, adqul ir para instalar nela um museu



Wilhelm von Roentgen

O celebre fisico alemão, descobridor do rãto X, fallecido em Munich no dia 11 do corrente



A' hora em que o leitor estiver saboreando esta desenfada prosa, o Salão Foz terá voltado ás suas antigas funções cinematográficas, e da companhia teatral que por ele passou, restarão sómente recordações, mais ou menos apagadas, e alguns ouro-

peis e trapos esquecidos nos camarins. Assim passam todas as glórias do mundo, assim passaram *O barão de Sarilhos* e a *Noite de Natal*, nascidos e falecidos na noite de 15 do corrente, efemeros e abortivos, á semelhança dos monstros que saem do ventre materno com cabeça de vítela e tronco e membros humanos.

O espectáculo dessa memoravel data abriu com a *Noite de Natal*, tentativa regionalista, como previamente se avisára. Sob o pano e o espectador encontra-se imediatamente em pleno Algarve: duas mulheres falando pelos cotovelos, cantando as frases, antepondo a cada verbo um *a*, de onde querem os senhores que sejam naturais senão das imediações de Faro? São — e começam a relatar coisas pavorosas. O pai duma delas tinha assassinado a esposa adúltera; na aldeia não o podiam vêr; o namorado da filha recusa-se a unir-se com ela maritalmente... Disto vamos nós tendo conhecimento, ao mesmo tempo que diversos cantares e variações de harmonio, nos bastidores, nos indicam que estamos na noite da missa do galo.

Segue-se um dialogo entre a cachopa e o namorado:

- Não te arrecho senão afugires comigo.
- Isso é que é não afujo.
- Anão afica-te para aí.
- E se eu afugir tu aprometes-me arreceber-me?
- Aprometo. Avem ater comigo á amendoeira grande.
- Talvez me arresolva.

Sai o conversado e vai ao depois entra o assassino, sofrivelmente meditabundo e desconflado. Chama as mulheres, cada uma por sua vez, aperta-lhes os debeis pulsos e obriga-as a confessar a terrível verdade. Ah! a filha avai ter com o namorado á amendoeira grande? E' o avais!... Agarra na caçadeira, dirige-se á porta, aponta, e pum! Dá um tiro, cai o pano e desta estamos nós livres, com uma alegria que a fortuna não deixa durar muito, porque o peor es'á para vir.

O peor é *O barão de Sarilhos*, que vamos tentar descrever em poucas palavras: faleceu em tempos, na Dinamarca, um rei muito querido e respeitado por seu saber e virtudes, deixando viuva ainda frescalhota e um filho um tudo nada avariado de julho. A viuva casa e um

CALAMIDADES TEATRAIS

belo dia o filho começa a vêr o fantasma do pai, o qual lhe declára que fôra assassinado...

Mas agora reparamos, isto é o *Hamlet*, não é *O barão de Sarilhos*? Ora a nossa cabeça?!

Bem, voltemos ao principio: ha em Veneza um doge, que tem uma filha, linda como os amores, e ha, na mesma cidade, um pretalhão muito belicoso, de quem a dita menina se enamora. Casam e um maroto dum official — Iago, se chama ele — fingindo-se muito amigo do referido escarumba, entra a provocar-lhe clumes insinua que a esposa o atraíçoa com um certo Cassio...

Mau! Cá temos outra! Então não estamos a descrever o *Otelo*? Decididamente aqui ha desarranjo... Tentemos outra vez:

Partiu há muito para longes terras, a batalhar, certo fidalgo valente como as armas, e como dêle houvesse noticias de que havia perdido a vida, juntamente com a flôr da cavalaria portuguesa, a esposa, que ficara em seu lar com uma filha muito intelligente e quasi tuberculosa, julga-se viuva e contral segundas nupcias. Passam alguns anos e quem ha-de aparecer um belodia em casa da pobre senhora? Um peregrino, vindo da Terra Santa, nada menos de que o primeiro marido! Então a filha...

Bonito! Estamos a confundir *O barão de Sarilhos* com o *Frei Luiz de Souza*!

Ora, então, lá vai definitivamente. Imagine o leitor a matança dos cristãos novos, o desastre de Alcaer-Quibir, o terramoto de 1755, a gripe pneumonica e o 19 de Outubro. Pois bem: tudo isso somado representa uma calamidade muito menor do que *O barão de Sarilhos*!

Emfim, foi tão grande ou tão pequena, que ainda lhe estamos a sofrer os efeitos — como se vê pelo presente desvario!

MARIO COSTA.



—E não tens pena de te estarem a cair os dentes?
 —Eu não, mamá, são menos que me ficam para lavar...

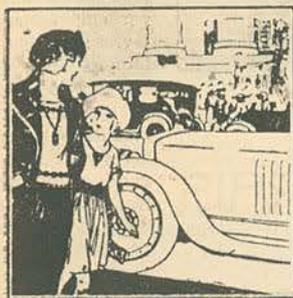
(De Punch.)



—Preciso uma cosinheira que seja fiel, acuada, trabalhadeira e que saiba bem cosinhar...
 —Então o melhor é levar quatro. E mesmo assim, não lhe garanto que possuam todos esses requisitos...

(De London Opinton.)

SEARA



—Porque é que as noivas vão sempre vestidos de branco?

—Porque o branco significa felicidade e alegria, assim como o preto simboliza a dor e o desgosto...

—Ah! aí está, então, porque os noivos vão de preto...

(De London-Mail.)



—Caso com ela, mas ha de ser pelo sistema chamado «comunista».

—Pois, sim. Mas já te previno de que, por esse sistema, a rapariga já é viúva duas vezes...

(De Bueno-Humor.)

ALHEIA



—O que tu precisavas era que eu te quebrasse esta cadeira na cabeça!

—Não faça isso, pae! Depois ainda por cima me bate por eu ter quebrado a cadeira...

(De L'Intransigeant.)



—Sim senhora! Não sabes, então, para que servem as agulhas?!

—Só se fôr para colocar nos discos dos gramofones...

(De London-Mail.)



A MULHER — Que lindas raparigas estão por cá, hoje!
 O MARIDO — Infelizmente não são das minhas relações...



— e me metesses o meu rapaz no teu escritorio, é que eu te agradeceria!

— E' trabalhador?

— Se fosse trabalhador, metia-o eu no meu...

(De Karikaturen.)

Quarta-feira de Cinzas

AS HORTAS — TRADIÇÃO POPULAR LISBOETA
DA QUAL OS OBSERVANTES AINDA ABUNDAM



*O inevitável cequinho
ca da'lor de fados*

Abancados no caramanchão
classico...



A caminho da Perna de Pau!...

(Cliches Salgado.)

Página Elegante

CHEGOU a hora da mulher buscar para a sua «toilette» uma nota de gravidade compatível com a quadra que atravessamos. Nestas curtas semanas que nos separam da semana santa, nenhuma senhora de bom gosto deixa de vertir de negro. De resto, posta de parte a ideia de recolhimento místico, de respeitosa evocação do drama sublime desenrolado ha milhares de anos nesse recanto poeticamente lendario da Terra Santa, compreende-se que a mulher se interesse pelas «toilettes» negras, averiguado, como está, que nenhuma outra côr lhe pincela a «silhouette» de tanta distinção, pondo em relevo, com tanta segurança, a sua beleza e a sua elegancia.

Nes ultimos tempos, a moda, compenetrada

desta verdade, poz em fóco as «toilettes» negras, mesmo para as circunstancias mais cerimoniaes. Ninguem esqueceu, decerto, o supremo «chic» das «toilettes» de baile que a



1—Toilette de passeio em marocain de lã.
2—Toilette de visitas em crepelaine, ornamentada com bordados de seda preta sob e funda de crepe georgette gris.
3—Toilette de passeio em pano fino.



4—Toilette de baile em crepe da China, guarnecido com fitas de prata.
5—Talleur elegante em gabardine, guarnecido com mangas com bordados de seda.

moda ha dois anos caprichava em apresentar realisadas em tecido sumptuosos mas, na quasi totalidade, pretos.

A volutildade da deusa da elegancia cançou-se, por fim, da uniformidade triste e pesada que o gosto pelas «toilettes» pretas preparou. Realmente, durante um praso em verdade dilatado, — se considerarmos a efemeridade das preferencias da moda, só se via por toda a parte, nas ruas, nos passeios, nos teatros, nos «restaurants» e nas salas, mulheres vestidas de negro. Como tudo que é exagerado, a



6—Vestido e capa pa a teatro, concerto, etc., em setim preto.

7—Toilette para teatro ou concerto em crepe marocain preto e georgette gris.

ideia das «toilettes» pretas foi posta de parte, buscando-se-lhe o contraste das côres garridas e fortes. Mas o sentimento estetico prevaleceu a todas as determinações da moda, e assim, sempre que, sem escandalisar a soberania do «chic», a mulher pode vertir de negro, não se faz rogar...

Ora o momento que passa é propicio á satisfação desse gosto estetico perfeitamente justo e rasoavel.

Portanto, senhoras, vamos a pensar nos vestidos negros, que o mesmo é dizer: vamos preparar para a nossa «silhouette» um realce de incontestavel elegancia.

Como tecidos, é sabido: á parte os pa-

nos, o «marocain» de lã, a gabardine e outros tecidos de lã proprios para vestidos praticos, «tailleurs», etc., a moda recomenda-nos, para «toilettes» mais cuidadas, o crepe «marocain», o crepe da China, o «panne de soie», o setim, etc., que se aliam, conforme as exigencias dos modelos escolhidos e o genero da «toilette», com crepe «georgette», tule e rendas, sobretudo com estas ultimas, que estão altamente cotadas nos meios da alta elegancia. E' claro que as «toilettes» assim compostas são apenas destinadas a reuniões elegantes, como chás, «garden-parties», teatros e «soirées». Para a rua, visitas a pé, passeios, etc., preferem-se os tecidos de lã atraz mencionados. Outro ponto importante que é preciso não descurar, ao pretender-se compôr uma «toilette» negra impecavelmente disinta: o corte deve ser sobrio quanto possivel, preferindo-se para os tecidos leves os «enroulements» e as «draperies», tanto em favor,

Agarena de Leao.



8—Talleur de fantasia em pano, ornamentado com bordados de seda.

9—Tallour em pano fino guarnecido com cloxy.

10—Vestido e pequena capa em marocain preto.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

BRUMAS DOIRADAS, por Adelino Palma Carlos

Mais um moço poeta. Muito moço e muito indeciso na afirmação da sua individualidade que futuros trabalhos tratarão de definir. O sr. Adelino da Palma Carlos versa ainda sem o seguro dominio da tecnica, embora com um regular conhecimento da arte de compôr versos. Inspiração pouco brilhante, usando de certas extravagancias metricas recentemente em moda e claudicando de longe em longe, o autor das *Brumas doiradas*, em cujas composições se vislumbram influencias varias, precipitou-se talvez, a exemplo de outros, seduzido pela miragem da publicidade. Quando um dia, rodados anos, rler a suas primicias, reconhecerá sem duvida, que por via deias lhe não foi possivel grangear, desde logo, o titulo e a gloria com que sonhou e que oxalá a breve trecho venha a alcançar. Outros começaram, assim e figuram hoje na primeira fila...



Adelino Palma Carlos

A DANÇA, por Eduardo de Noronha

E' infatigavel Eduardo de Noronha. A sua opulenta bibliografia acaba de ser enriquecida com um novo volume de vulgarisação, intitulado *A dança no est. angélio e em Portugal*. São perto de quatrocentas paginas que sintetizam a leitura de muitas obras de fundo e condensam as preciosas informações colhidas pelo fecundo escritor atravez de longos anos de estudo e de consultas. A dança primitiva, a renascença da dança, a aura do ballado, a dança em Espanha, Inglaterra e Escocia, a gloria do tango, as danças exóticas, o delirio do Can-can, eis os capitulos da primeira parte, recheados de pormenores e de comentarios. A segunda parte é consagrada a Portugal e n'la se nos fala do teatro de S. Carlos, da saia curta, dos balles de mascaradas, das dançarinas revolucionarias, da musica classica e a dança do nervosismo e futurismo e dos balles da Ajuda e de Belem, etc. Para que desperte o interesse publico, basta mencionar estes titulos, que allás não exprimem a importancia da vasta materia que á sua sombra se desenvolvem. Cuidada edição da casa Coimbra Editora Limit., Coimbra.

MEGACLÉS, por Adriano Antero

O eminente auctor da *Historia Economica*, que vae no quinto volume, e que é um monumento de erudição, o poeta do *Poema de trabalho* e do *Poema da amargura*, o comentador do Código Commercial Portuguez, o dr.

M. A. (Coimbra).—As suas quadras não são para deitar fóra. Veremos mais detidamente.

R. C. LEITE.—O pequeno tem muito getinho. Tambem veremos mais detidamente.

A. S. (Almeirim).—Tanta fome, com as lazérias tão perto! Vá para a pastagem, vá.

SIMPLES.—Complicada dizem nos. Os versos da D. Virginia Vitorino subiram-lhe a cabeça.

A. R. S. (Porto).—Já lemos o seu conto, mas em francês. Se não nos enganamos, assinava-o um certo Catulle Mendès—que era um plagiário sem vergonha nenhuma.

S. L. (Loisa).—Desde que aumentarem as taxas do correio, algumas pessoas imaginam que hão-de corresponder-se com os namoros por intermedio da Silva poetica! Ora, gaste os doze vintens e meio, ande!

MACHIN.—Sim, senhor. Aprovados os sonetos plenamente.

M. T. C. R.—Aconselhamos-lhe banhos de alumen ou agua de colonia dissolvida em agua.

Para disfarçar o cheiro do tabaco deve gargarejar com:

Bromocloral XXV gotas
Agua açucarada 1 colher de sobremesa

O verniz não faz mal ás unhas, dá-lhes brilho e côr: pode usar.

Mme ENJOADA.—Compre V. Ex.^a o livro «Gravidez e Maternidade» que a Secção Editorial do Seculo publicou e aí encontrará a explicação de todos os padecimentos que tanto a afligem. No proximo numero satisfaremos o seu pedido publicando o quarto do bebê podendo ser feito tal como a gravura indica. Para o efeito que V. Ex.^a deseja, indicamos-lhe o «Creme Ninon», Lavagens com acido borico amiguadas vezes e fricções de manhã e á noite com alcool canforado.

A. L. X.—Pode empregar qualquer tecido para forrar casas, a chita serve muito bem desde que seja bonita. O biombo deve ser feito com o mesmo tecido que forra as paredes. Os estofos são feitos tambem no mesmo tecido. Nas paredes os estofos em escuro ficam bem. Os desenhos podem ser colocados entre um cartão e um vidro do mesmo tamanho e seguros com uma tira de papel gomado ou de adesivo.
Sempre ao seu dispôr.

Adriano Antero, exemplo vivo de trabalho indefesso, acaba de publicar um romance, *Megaclés*, que classificou de historico, e cuja acção se desenvolve em plena antiguidade mitologica. O vastissimo saber do dr. Adriano Antero estadele-se nas paginas d'este volume que se lê com profundo encanto e não menor proveito, tamanha curiosidade despertam os quadros da remota civilisação, cheia de esplendor helénico, que ele evoca numa linguagem castiça e fluente. E' livro por multos motivos recomendavel.

A de A.



PAGINA INFANTIL

A MASCARA DO FELISBERTO



1-COM ESTA MASCARA, VOU FAZER UM SUCESSO!



2-MAS O BODE QUE NÃO VIU COM BONS OLHOS QUE O IMITASSEM...



3-ATIROU COM O SEU SEMELHANTE PELA JANELA FORA...



4-E AS PRIMAS DE FELIZBERTO QUE ESTENDIAM A ROUPA...



5-VIRAM CAHIR NO LENÇOL QUE ESTICAVAM O DIABO EM PESSOA



6-MAS AFINAL O DIABO ERA O PRIMO FELISBERTO!... AH! AH! AH!...



ESFINGIA



Toda a multidão fitava,
O novato guerrilheiro;
E o mulhérico zombava—2
Do improvisado guerreiro.

Conclusão: foi apupado!...
E ao tentar dar as canelas...
Viu-se parvo e rodeado,
Por um rancho de donzelas.

Lucia Lima

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigmas: Partasana—Almada,
Charada em verso: Rapalinguas—Ma-
goar.

Charadas em frase: Automovel—Para-
fuso—Desmaio—Salvada—Mercearia.

Enigma pitoresco: Em dezembro, a
uma lebre galgos cem.

Logogrifo: Horas fatidicas.

*

ENIGMAS

(Aos illustres colaboradores da
ESFINGIA)

N'outros tempos, eu, misero pechote,
Fabricava charadas com fartura
Pessimas, eram elas, com franqueza...
Mas as de agora, peores! Não teem cura!

Foi o primeiro ensaio, um enigma
Que eu supunha ser obra de pasmari!
Era assim: — «Aqui tendes um bom
fruto!

Se uma letra pintardes
Bebida vem a dar!

O enigma boçal, o enigma bruto,
Dei-o a publicar.

E o que é certo, fiquel então pasma-
do!

E' que o vi publicado!...

Porto

Laborm (Elmano)

*

N'uma sala iluminada
'Stão vinte e tres convidados!
Brincam muito, alegremente,
Satisfeitos, descuidados!
A um canto do salão
Discutem tres, animados.
Diz o do meio: — Perdão!
«Vocês estão enganados!
«Não quero discutir mais,
«Porque são dois contra mim!
«Reunidos, são terríveis,
«Feitos de pedra ruim!
E foi p'ra o meio da gente
Que alegremente dançava;
Mas quando o foram buscar
Ao contrario se virava!
Foi, então, p'ra outro grupo
E poz-se entre dois amigos!
Diz ele: — «Aqueles dois tipos,
«São dois cruéis inimigos!
Não o quizeram ouvir
Os seus dois novos parceiros!
Um, meteu-se no bufete,
O outro, querendo fugir,
Meteu-se entre os cavalheiros!
E o desgraçado—coitado!
Foi, de pernas para o ar
Logo, p'ra o meio da rua!
Fechou as pernas e pronto!
Foi, em mulher transformado,
Habitar no seu andar!

Josolicos

*

CHARADAS EM VERSO

(Retribuindo a Tia Aldina)

N'um combate encarniçado,
Desce a liça, no terreiro—2
Moço nobre, não armado—2
Pois não era cavaleiro!...

Sem arnez, sem armadura,
Romantico e visionario,
Tendo apenas a bravura...
Envolta n'um escapulario—1

Um sujeito que eu conheço
Muito dado á caridade—1
Vendo «na baixa» um ad'reço
Comprou-o por baixo preço—3
Com grande facilidade,

Magala

*

CHARADAS EM FRASE

Com uma vara á beira do regato, ma-
tei uma ave.—2-2.

Diogenes

*

(A Josolicos)

Isso tambem, é ter vontade de prefer-
rir!...—1-2.

Porto

Ocirema

*

(A todos os colaboradores d'esta secção)

Eu sou o unico que, pela vossa attitude,
vos vou celebrar—1-1.

Ovar

Selva

*

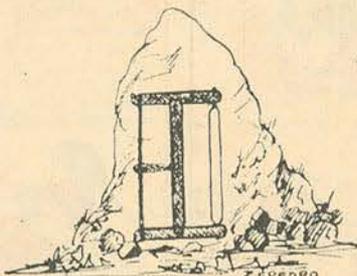
(Retribuindo a Ocirema)

Se vier a Lisboa tome nota no Rocío,
e depois dirá: Que linda cidade!...—1-1

Do 14

*

ENIGMA PITORESCO



*

QUADRO DE HONRA

Palluro — Sant'ana — Alvaro
Ferreira—T. A. i reitas—Violeta
—S. Palo—Do 14—Castor & Po-
lux—Dama Oculta—Pam—Club
do Silencio—Dó sustenilo—M.
Peres—Santos, Alves & Cunha-
do—Vasco Relá—Alram Ahama
—Tia Aldina—Dr. Pirilau—Um
principiante—Pires & Coutinho
—Domínio azul—M. T. Raposo—
Marco Lino

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.

LOGOGRIFOS

(Sobre os versos do livro PRI-
MAVERAS ROMANTICAS, de
Antero de Quental, e dedica-
do á illustre Lucia Lima)

Falar de amor?!... se ele é como uma
essencia,—15—19—17—10—12—8—12—15
Que nos perfuma, sem se ver de 'onde...
11—12—20—1-6
Se ele é como o sorriso da innocencia,—9
3—14—12—18—1-6
Que 'inda se ignora e, p'ra sorrir, se
esconde...—20—9—18—7—17—3

Se é o sonho das noites vaporoso, 12—2—
7—10—1-10—20

Que anda no ar, sem que possamos vê-
lo, 6—13—1-20—16—4—8—14—11

Se é a concha no oceano caprichoso,—5
8—1-3—14—11—19—13

Se é das ondas do mar ligeiro... 19—3

Plutão

*

(Dedicado ao Sphingis Club)

O aspéto é sereno,
A' face o veneno
S' poz enrugada,
Mas tão novo sendo
E velho par'cendo!
Não tem isso nada;

Se o virem dirão:
Será do desgosto
Que está o seu rosto
Tão cheio de gelhas?
Parece que não;
Loucuras de amores?—1-2-1-8-3
Quem sofre taes dores?!...
E ha caras mais velhas

Por isso, p'ra o mundo,
O rosto do martyr—4-6-7-3-4-5

Parece do velho,
Parece de rasto,
Parece devasso

De orgia... e prazer;
Quem sabe se o traço
Que a dór ai poz

Será de cansaco,
Será de fadiga,
Será dos estudos,

Será fealdade...
Será do remorso...
Será de ser velho

Que deve morrer?...

Job Tabé

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na
Ilustração Portuguesa as decifrações das produções inseridas n'este nu-
mero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.
—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, entregues até cinco dias após a sai-
da d'este numero, ás 16 horas, na su-
cursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas
em separado, e os enigmas pitorescos
bem desenhados em papel liso e tinta
da China.

—Os originaes quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.